Jacob Estêvão

Sou o primeiro pintor moçambicano

Domingo 8/3/87

★Uma afirmação, uma história

Albano Naroromele (texto) e Centro de Formação Fotográfica (fotos)

O sentimento de ser-se o primeiro é sempre um sentimento especial, quer perante um pelotão de fuzilamento ou numa bicha de presos atrás das grades à espera da soltura anunciada, quer num acto de distribuição de pães para um grupo de miseráveis famintos ou quando Neil Armostrong pisou a Lua antes de mais ninguém. Discutível embora, Jacob Estêvão Macambaco experimenta esse sentimento no domínio das Artes Plásticas em Moçambique.

Quando o entrevistei, na sua casa de madeira e zinco no Bairro de Xipamanine, em Maputo, ele disse-me: — *Sou o primeiro pintor moçambicano*». Mas antes de me recompor completamente do impacto da informação, acrescentou: — *Malangatana veio depois de mim.*

Neste último ponto, o próprio Malangatana reconhece-o como «*uma referência constante*». Quanto ao resto, uns limitam-se a questionar «*primeiro pintor moçambicano em relação a* quem?», outros explodem que «*ele foi um macaquinho a quem os portugueses ensinaram a fazer coisas*», e outros ainda eliminam-no pura e simples das artes plásticas, dando-lhe o título mais modesto — que pronunciam depreciativamente — de «*pintor naife*».

Finalmente, há quem encerre a discussão afirmando que antes de Jacob ter começado a pintar, já existia a Bertina Lopes, algures na Europa, essa, «*de facto, a percussora e a mais conhecida*».

A melhor forma de falarmos deste homem de estatura média, expressão verbal viva, muito atencioso «*a maneira dos civilizados*» (como ele esclarece), fumador quase ininterrupto — embora consciente de que os progressos da sua preocupante tosse têm precisamente origem no cigarro — para falarmos deste homem, dizíamos, a polémica não ajuda muito.

Passagens da sua história e da sua obra, eis o caminho mais fácil.

Depois de ter nascido há 53 anos num bairro da Vila de João Belo (hoje Xai-Xai) de um pai pastor de igreja e mãe camponesa, Jacob Estêvão viveu a infância e um pouco da adolescência pastoreando o gado da família.

No entanto, a sua maior ambição de então, que era ser baptizado para poder comungar e ser crismado, só veio a concretizar-se em Lourenço Marques, para onde «imigrou» em 1948 e *apanhei serviço de moleque em casa de patrões generosos*» que o deixaram frequentar as aulas de catequese na missão de Nossa Senhora da Vitória.

A generosidade dos patrões foi ainda mais longe: deram-lhe um quartinho numa das dependências da casa e, embora aí não pudesse continuar os estudos depois da 4.ª classe feita em João Belo, o rapaz, que então contava 15 anos, tinha lugar para desenhar e pintar a lápis e fazer exposições nas paredes. É que o moleque «*tinha no coração o gosto de desenhar coisas que via*», por exemplo, retratos de pessoas.

Aliás, em 1946, quando ainda estudava na Missão de S. Baptista de João Belo, esse gosto valeu-lhe o primeiro lugar na classificação final numa aula de desenho: o professor da disciplina ordenara aos alunos que copiassem um retrato de Salazar.

Mas ter «manias» de desenho não devia, de forma alguma, afectar as obrigações do moleque para com os seus patrões. Talvez consciente disso, Jacob Estêvão dedicou-se com afinco à aprendizagem das normas mais finas de servir à mesa. E não foi em vão. Em 1953 foi um dos poucos criados seleccionados pelo Administrador do Conselho de Lourenço Marques, Ferraz de Freitas, para ir servir individualidades no pavilhão de Moçambique numa feira de Bulawayo, na actual República do Zimbabwe.

O «MILAGRE»

Para Jacob Estêvão, este acontecimento foi um «milagre». Ali em Balawayo ele soube, pela primeira vez, que era «*artista e não devia ser criado*», directamente da boca do então Governador-Geral da colónia, Maurício Teixeira. Foi tudo muito

Jacob Estêvão Macambaco, a longa história de um drama desconhecido

simples: chegou às mãos do Governador-Geral um quadro da paisagem da Australie Avenu, que ia dar ao monumento de Cecil Rhodes.

Era uma obra de Jacob Estêvão, produzida nas horas vagas dos primeiros três dias da feira, que durou 90 dias. O moleque, que afinal era artista, foi imediatamente posto em contacto com o Governador-Geral, por permissão deste, que ordenou que o «rapaz» fosse confiado «*aos cuidados do mestre Frederico Ayres*». Simultaneamente, em Moçambique foi projectado um filme no écran do «Gil Vicente» reportando o «milagre» de Bulawayo.

No ano seguinte, outros dois paisagistas foram «descobertos». Um, criado do Hotel Limpopo, pelo Presidente da República, Craveira Lopes — segundo Jacob — e outro pelo Governador-Geral de Moçambique: Elias Estêvão Macambaco, seu irmão, e Vasco Campira.

Os três paisagistas moçambicanos receberam bolsas da «Direcção dos Negócios Indígenas» para estudar a técnica de pintura no atelier de Frederico Ayres e, de 1959 a 1960/61, no «*atelier particular do mestre Abel Manta*», em Lisboa.

Segundo Jacob Estêvão, em Portugal viviam num lar universitário onde «*tudo era branco*», menos eles, os três pretos, «*mas comíamos a mesma comida, com os mesmos pratos, à mesma mesa e tínhamos camas, lençóis, mesinhas de cabeceira como os universitários*».

Ele e os seus dois colegas podem, sem dúvida, orgulhar-se de fazerem parte dos poucos moçambicanos negros que, no tempo colonial, tiveram a oportunidade de estar em contacto directo com diversos locais e acontecimentos de importância cultural e político-histórica para os portugueses, em Portugal.

Percorreram este País de norte a sul, mais precisamente um mês no norte, um mês no sul. E mais: o apogeu de tudo isso foi o acesso dos três ao Palácio de Belém, onde, de acordo com Jacob Estêvão, apertaram nas suas a mão de Salazar, em carne e osso!

É claro que Jacob Estêvão não foi assim sempre um preto privilegiado, mesmo tendo em conta as suas deslocações, aos fins-de-semana, com o Governador-Geral, às cataratas da Namaacha. Numa noite dessas apareceu um PIDE enorme, branco, acompanhado de dois lacaios pretos, e quiseram saber o destino do dinheiro que o paisagista obtinha com a venda dos seus quadros.

Foi levado para uma das masmorras, disseram-lhe que sabiam que ele mandava dinheiro para «*os terroristas do raio*» e deram-lhe uma tareia da ordem. Curiosamente, Jacob diz que o seu protector, o Governador-Geral, não mexeu uma unha durante o mês todo em que o artista esteve lá dentro.

E DAÍ?

A verdade seja dita: Jacob Estêvão Macambaco encabeça a lista colonial das «descobertas» de artistas «indígenas» em Lourenço Marques no âmbito da integração e promoção destes pelas autoridades portuguesas. Tratava-se, como se sabe, de um prato quente na mesa da política colonial em Moçambique nos anos 50.

A maior parte da obra do pintor encontra-se em Portugal e, valendo-nos da insitência do autor em tratar a quase totalidade dos seus compradores por «doutores», é de supor que as suas paisagens estão nas mãos de pelo menos gente rica.

Mas estes factos não dão a ninguém o direito de negar que a pintura de Jacob Estêvão, segundo vozes autorizadas, «*não representou uma ruptura total com as produções artísticas assentes na vida quotidiana africana, dentro da simbologia dita «tradicional», e, mesmo, veladamente, assumindo tons de crítica e caracterização social.*

Assinale-se «*uma ruptura total*» porque, como vítima de um drama que ele próprio ignorava, ofuscado pelos deleites de uma posição cosmética privilegiada em termos financeiros e raciais, este artista não podia escapar sempre à influência das «*formas de visualização estranhas ao mundo africano*» em geral e moçambicano em particular.

E apesar de, durante muito tempo, Jacob ter-se exposto como um verdadeiro vendedor ambulante de artesanato «indígena», a sua obra não pode ser «naife», porque ele aprendeu técnicas evoluídas de pintura de paisagens, em ateliers de mestres reconhecidos.

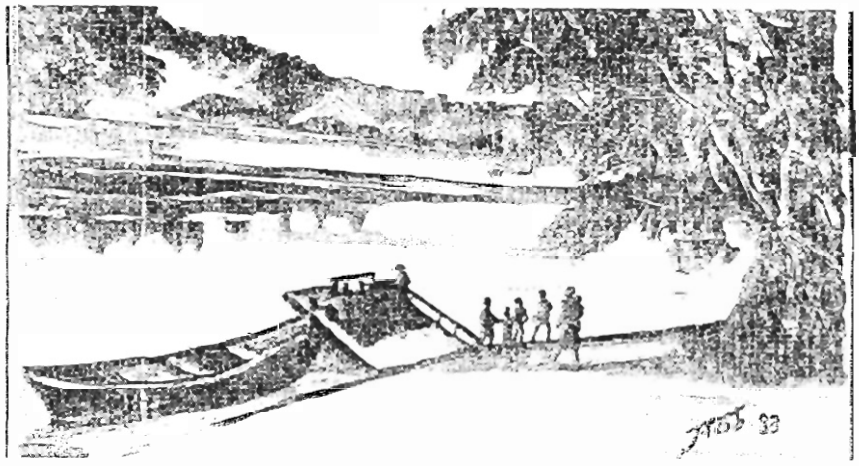
Nesta condições, não pisam terreno falso as pessoas que atribuem a Jacob Estêvão o título de percussor provável da pintura moderna moçambicana, até aqui conhecido.

De resto as suas numerosas exposições individuais ou colectivas, dentro e fora de Moçambique, antes e depois da Independência, confirmaram sempre a sua grandeza artística.

Hoje, Jacob Estêvão é uma voz praticamente apagada. Está em risco de sucumbir uma obra que apenas começou.

Sim, apenas começou, porque Jacob Estêvão deve aprender mais. A sua paisagem não evoluíu e ele pode provocar essa evolução, estudando, investigando, pesquisando.

Não precisa de mais nada para continuar a ser o único grande paisagista do seu tempo e da actualidade, que se mantém em actividade.



Um dos quadros mais recentes do paisagista